



Texto sobre *A jornada de um herói*, 2023


Eliane Mendes (curso de História, UEMG Passos)
Alexsandro de Sousa e Silva (orientador, UEMG Passos)




 ["A Jornada de um Herói" da Cia Atores da Fábrica](#)

 Foto: @correacarlinha

 Edição: @karlmarxvegano

 4 22 de Julho de 2023

 Teatro Gustavo José Lemos

O admirável ator Mateus Amorim, artista de múltiplas faces na peça *A jornada de um herói* e membro do coletivo Escola Fábrica dos Atores (Nova Iguaçu, RJ), dirigido por Alexandre Gomes, chamou a atenção desde a recepção do público do 7º Festival Nacional de Teatro de Passos e região (no qual a peça foi premiada com “Melhor Espetáculo de Palco”), cumprimentando individualmente e perguntando o respectivo nome. A extrema simpatia do profissional negro transborda durante a enérgica atuação, na qual movimenta, monta e desmonta o painel com a ajuda de Karen Menezes, que auxilia no trabalho com iluminação por trás do cenário (com alguns momentos de teatro de sombras), e interage com espectadores/as. A peça foi originalmente encenada via *streaming* durante a pandemia de

covid-19 e obteve reconhecimento em diversos teatros pelo Sudeste após a crise sanitária ser controlada.

O painel semitransparente faz um esboço da trajetória narrada no palco. No desenho, vemos uma adaptação das ideias de Joseph Campbell, que publicou o livro *O herói de mil faces* em 1949. No enredo cênico, que possui uma base simples, a ideia foi interpretar as dificuldades vividas por José, um homem negro, periférico, pai de família, semi-analfabeto, explorado pelo ramo da carvoaria e da construção civil, e sem direitos garantidos. A negociação do período de almoço, reduzido aos absurdos cinco minutos, foi o motivo para que a demissão ocorresse. Atravessando os perigos urbanos da cidade do Rio de Janeiro, José perdeu a hora do segundo trabalho, restou a ele buscar seu Fundo de Proteção e Garantia ao Trabalhador Desempregado e constatar que os centavos, substituído por um punhado de farinha conforme sugestão do gerente do banco, não valeram todo o sacrifício. Não à toa a palavra “humilde e humilhante” na sua grande maioria são empregadas juntas na peça.

No caminho, diversos personagens típicos nas periferias das grandes cidades povoam a encenação: trabalhadores de classe média (secretária e gerente de banco), bêbados, malandros, público de filas e de transporte público, condutor de ônibus, negociantes de entorpecentes, supervisores e patrões autoritários. A cada lugar onde interagia, José se via cada vez mais perdido e desesperançado.

O “herói”, portanto, é quem sobrevive a esta selva de pedra, tal como é a vida das pessoas comuns nas grandes cidades, desprovidas de vida confortável e sem heranças. No início da encenação, o ator lembra que o termo remete a histórias ficcionais e imaginativos de luta contra monstros, dragões, vilões fantasiosos (como se a vida fosse um grande filme da Marvel ou DC Comics); no entanto, o cotidiano fornece todos os elementos para uma boa história, além de fazer o público pensar sobre as desigualdades que acometem as pessoas pobres no país. São doze passagens ao longo do dia da caminhada de José em busca do banco onde poderia sacar seu dinheiro do fundo. Não obstante, esse número 12, tem um sentido histórico, mas que para a peça não significa nada... somente coincidência mesmo!

A interação com o público, que se divertia com as peripécias encenadas, serviu para amenizar a gravidade das situações vexatórias que José viveu. A oscilação entre drama social (incluindo críticas, como na referência aos ovos, que em tempo de inflação substituem a tradicional carne bovina) e comédia de costumes ajudaram a manter a peça em um bom nível de interesse e curiosidade. Em alguns momentos, a trilha musical era feita com a ajuda de uma caixote de madeira, que teve muitas utilidades no palco. No repertório musical mobilizado, ora vemos um funk, ora um baião, as batidas cativaram o enredo e mostraram a

versatilidade de Mateus no palco. As onomatopeias de ambientes de trabalho, transporte público e ruídos também expõem o bom desenvolvimento vocal e, ao lado das constantes movimentações pelo teatro, um grande fôlego.

A peça demonstra o valor da atuação negra, ao contar histórias de personagens periféricos com legitimidade de quem vivencia as dificuldades cotidianas. A cena do transporte público, na luta por um assento livre, é cômica mas denuncia a precariedade da mobilidade urbana, a exploração das condições de trabalho do motorista e a falta de empatia no espaço comum. Nada disso é planejado nas empresas e gabinetes administrativos, senão deixado à própria sorte das pessoas necessitadas em nome da economia dos “gastos públicos”. Da mesma forma, o Fundo remete ao seguro-desemprego, que dificilmente mantém uma família até a próxima ocupação, ou sequer garante esse serviço com salário justo.

José passou fome, ficou com odor debaixo do braço, teve momentos de angústia pela incerteza de conseguir levar o alimento para casa, sentiu-se desamparado, com medo e pior que um animal em virtude de sua pobreza, e, acima de tudo, triste com a desonestidade e crueldade dos homens. A vontade de rir das piadas enquanto vemos essas denúncias ajuda a reduzir o *stress* no momento, porém, como o próprio texto cênico ressalta, o drama de José não é questão individual, mas requer observação de outras realidades semelhantes e atuação contra as dificuldades vivenciadas no conjunto. A peça mexe com essa relação de humanidade, direitos iguais e capitalismo exacerbado que aniquila os mais fracos que ousam questionar seus direitos trabalhistas básicos.